

Peterson, Jordan B. *We Who Wrestle with God: Perceptions of the Divine*, Nueva York: Portfolio/Penguin Random House LLC, 2024, 912 pp.

Eugénio Lopes¹

Investigador independiente, Portugal

A metafísica e, neste sentido, a sua relação nomeadamente com a gnoseologia, a antropologia, a ética, a sociedade e a política, é um tema que, desde sempre, fascinou os investigadores. Quando se fala de metafísica, a religião, mais concretamente a questão de Deus, está intimamente pressuposta. Contudo, penso que aqui se cometem alguns erros do ponto de vista científico. Entre vários, destaco alguns: a) um faz referência ao facto de desconsiderar-se ou descredibilizar-se o estudo de Deus e da sua relação com a pessoa humana, ou inclusive, em caso mais extremos, negar-se a Sua existência; b) outro consiste em tornar Deus sinónimo de realidades que essencialmente não o são, ou seja, em fazer coincidir a divindade com entidades que não o são; c) outro, na crença devários deuses ou, inclusive, na divinização de pessoas humanas, animais-irracionais ou objetos; d) outro consisteem considerar-se que o estudo de Deus e da Sua existência diz exclusivamente respeito à teologia; e) finalmente, neste sentido, na abordagem deste argumento, outro consiste em não se estabelecer uma relação entre a teologia, a filosofia, a psicologia, a sociologia e a política, a fim de se alcançarem resultados mais profundos e precisos.

Tendo em consideração alguns destes pontos, gostaria não só de apresentar, mas também de vivamente recomendar a leitura, o estudo e a

¹lopes_eugenio@hotmail.com

análise da obra, *We Who Wrestle with God: Perceptions of the Divine*², de Jordan Peterson³, renomado Autor internacional do bestseller, “12 Rules for Life” (2018)⁴, pois procura basicamente, sobretudo recorrendo a vários textos e passagens bíblicos, mostrar maioritariamente do ponto de vista filosófico, como deve ser a relação da pessoa humana com Deus e, neste sentido, com as outras pessoas e com a sociedade, a fim de permitir àquela não só florescer e autorrealizar-se de melhor forma, mas também, a fim de, sucessivamente, construir uma sociedade mais harmónica, inclusive para as gerações sucessivas, e vice-versa. Para atingir este objetivo, o Autor decidiu subdividir a sua obra em 9 capítulos, que, por sua vez, se subdividem sucessivamente em vários subcapítulos⁵.

Assim, o primeiro capítulo, intitulado de “No Início”, contém 5 subcapítulos: 1.1) Deus como espírito criador; 1.2) O homem no lugar mais alto; 1.3) O real e a sua representação; 1.4) Eva a partir de Adão; 1.5) À imagem de Deus. Já o segundo, com o título de “Adão, Eva, Orgulho, Autoconsciência e a Queda”, contém 7 subcapítulos: 2.1) A imagem de Deus no jardim eterno; 2.2) O orgulho contra a ordem moral sagrada; 2.3) A incompletude de Adão e a chegada de Eva; 2.4) Os pecados eternos de Eva e Adão; 2.5) A serpente eterna; 2.6) O sofrimento nu como o fruto do pecado; 2.7) A perda do Paraíso e a espada flamejante.

Posteriormente, o terceiro capítulo, intitulado de “Caim, Abel e o Sacrifício”, subdivide-se em 8 subcapítulos: 3.1) A identidade do sacrifício e do trabalho; 3.2) Os irmãos hostis do bem e do mal; 3.3) O padrão sagrado do político; 3.4) O bom pastor como líder arquetípico; 3.5) O sacrifício agradável a Deus; 3.6) Criativamente possuído pelo espírito de ressentimento; 3.7) A

² Tradução do título da obra ao português pelo Autor da resenha: “Nós que lutamos com Deus: Perceções do Divino”.

³ Jordan Peterson é um psicólogo clínico canadense, crítico cultural, escritor, conferencista, antigo professor de psicologia na Universidade de Toronto, e fundador, diretor e professor da *Peterson Academy*. As suas principais áreas de investigação são sobretudo a psicologia da religião, a crença ideológica e o florescimento humano, ondesintetiza ideias retiradas particularmente da mitologia, da religião, da literatura, da filosofia, da neuropsicologia, da sociologia e da política.

⁴ Tradução portuguesa: 12 Regras para a Vida (Alfragide: Lua de Papel, 2018, 488 pp).

⁵ As traduções portuguesas dos capítulos e dos subcapítulos da obra foram feitas pelo Autor da resenha.

humildade e a fé contra o orgulho, o desespero e a cólera vingativa; 3.8) O Fratricídio e, depois, pior. Já o quarto, com o título de “*Noé: Deus como Chamada à Preparação*”, contém 4 subcapítulos: 4.1) Os Gigantes na terra; 4.2) O pecado e o regresso do caos; 4.3) A salvação pelos sábios e o restabelecimento do mundo; 4.4) O filho infiel condenado à escravatura.

Sucessivamente, o quinto capítulo, intitulado de “*A Torre de Babel: Deus Contra a Tirania e o Orgulho*”, subdivide-se em 4 subcapítulos: 5.1) Lúcifer e os engenheiros; 5.2) O orgulho e a queda, reprise: descida ao próprio inferno; 5.3) A incapacidade de nos compreendermos uns aos outros; 5.4) Deus – ou outra coisa. Já o sexto, com o título de “*Abraão: Deus como um apelo espirituoso à aventura*”, contém 7 subcapítulos: 6.1) Avançar; 6.2) O diabo na encruzilhada; 6.3) A vida como secessão sacrificial; 6.4) O sexo e o parasitismo; 6.5) O sacrifício e transformação da identidade: Abraão, Sara e Jacob; 6.6) Com os anjos no abismo; 6.7) O auge do sacrifício.

Posteriormente, o sétimo capítulo, intitulado de “*Moisés I: Deus como Espírito Temível de Liberdade*”, subdivide-se igualmente em 7 subcapítulos: 7.1) Os judeus como estrangeiros e escravos indesejáveis; 7.2) A árvore ardente como revelação do ser e do vir a ser; 7.3) O regresso ao reino tirânico; 7.4) O regresso ao país da duplicação; 7.5) O inevitável interregno do caos e do espírito diretor; 7.6) O estado subsidiário como alternativa à tirania e à escravatura; 7.7) Os mandamentos como revelação explícita dos costumes. Já o oitavo, com o título de “*Moisés II: Hedonismo e Tentação Infantil*”, contém dois subcapítulos: 8.1) O materialismo e a festa orgiástica; 8.2) O restabelecimento desesperado da aliança. Finalmente, o nono capítulo, intitulado de “*Jonas e o Abismo Eterno*”, contém apenas um subcapítulo: 9.1) Jonas arrepende-se da sua virtude.

Dos vários pontos positivos que se podem encontrar nesta obra, gostaria de mencionar os seguintes, tendo em consideração, sequencialmente, a sua metodologia, os seus objetivos e o seu conteúdo. Assim, no que diz respeito à metodologia da obra, destaca-se inicialmente como ponto positivo que Peterson tenha estabelecido, tal como é costume nas suas obras precedentes e conferências, um diálogo interdisciplinar entre várias áreas do conhecimento (nomeadamente entre a filosofia, psicologia, a neurociência, a mitologia, a literatura, a teologia, a educação, a sociologia, a história e a política), apresentando, assim, uma visão mais realista e profunda com

relação aos temas abordados. Nesta linha, salienta-se também o uso, por parte do Autor, de uma basta bibliografia científica, proveniente de vários campos, a fim de apresentar e defender os seus argumentos-inclusive de outros géneros literários.

Apesar de tratar-se de uma obra um pouco densa, em vários sentidos, algo que não deve ser entendido como uma crítica negativa, pelo contrário, devido ao tema abordado, menciona-se finalmente, com relação à metodologia, também como ponto positivo, o esforço do Autor em simplificar, na sua exposição, vários dos conceitos e temas abordados, que, às vezes, são difíceis de expor, tratar e de explicar.

Já no que diz respeito aos objetivos da obra, de forma bastante resumida, algo que poderia, sem dúvida, ser feito em várias páginas, penso que o ponto forte da obra reside propriamente no facto de Peterson dar continuidade ao desenvolvimento de argumentos, inicial e particularmente abordados na sua primeira monografia, “*Maps of Meanings*” (1999)⁶, redigida durante 13 anos (ao qual se recomenda igualmente a sua leitura, análise e estudo, a fim de ter-se uma visão mais ampla e, assim, compreender-se melhor a obra atual), tais como: o mal, os valores, o comportamento, a vocação, o florescimento humano, a figura do herói, a influência da sociedade, o totalitarismo e a mitologia. Contudo, nesta sua última obra, ao abranger, abordar e, inclusive, relacionar mais temas, o Autor vai todavia mais longe, mostrando, portanto, sobretudo como a relação da pessoa humana com Deus deve ser pautada, a fim permitir não só a sua autorrealização, mas também, sucessivamente, a construção de uma boa sociedade e vice-versa.

Finalmente, com relação ao conteúdo da obra, dos vários pontos positivos que também se podem encontrar na monografia, gostaria de destacar os seguintes, que considero serem os mais importantes. Assim, o primeiro faz referência ao facto de Peterson não só ter analisado o mal, sobretudo do ponto de vista ontológico, mas também, neste sentido, ter mostrado a importância dos valores, não só a fim de permitir o florescimento da pessoa humana, mas conjuntamente a fim de garantir o desenvolvimento e a harmonia das sociedades, e vice-versa. Neste sentido, apesar de não apresentar explicitamente um tratado de axiologia, tal como se verifica nas suas obras anteriores, algo que, a meu ver, poderia dar mais consistência ao

⁶ Tradução portuguesa: *Mapas do Sentido* (Alfragide: Lua de Papel, 2019, 800 pp).

seu pensamento, pode-se nesta monografia deduzir um certo sistema de moralidade, que, por sua vez adotado, pode permitir dar sentido à vida da pessoa humana e, ao mesmo tempo, permitir a coexistência virtuosa com as outras pessoas. Portanto, uma vez mais, tal como já se tinha verificado na sua obra *“Maps of Meanings”*, concluída há cerca de 25 anos, sobressai igualmente nesta o conceito de “Herói”, como a pessoa que não só procura conhecer a verdadeira essência dos valores e vivê-los em primeira pessoa, mas também, ao mesmo tempo, introduzi-los na sociedade.

Neste sentido, através de um diálogo muito interessante e frutífero estabelecido com várias áreas do conhecimento, considera-se igualmente muito interessante na obra o uso, por parte do Autor, de vários textos bíblicos (e também da mitologia) na análise e explicação desses conceitos. Assim, nesta linha, um outro ponto fundamental da obra reside na forma de como Peterson interpreta esses mesmos textos bíblicos (raciocínio que se pode aplicar igualmente à mitologia) e, ao mesmo tempo, os aplica e os relaciona com questões, sobretudo hodiernas, das sociedades (bem como dos indivíduos das quais fazem parte).

Portanto, um outro ponto fundamental da obra reside no estudo e na análise de vários problemas que as sociedades da atualidade têm vindo a enfrentar (ou inclusive poderão vir a enfrentar), ao mesmo tempo que Peterson procura fornecer várias soluções, não apenas do ponto de vista sociológico, mas também político. Desta forma, destaca-se a análise e, igualmente, a crítica construtiva que o Autor faz ao impacto e às consequências negativas que advêm dos avanços tecnológicos frenéticos e desmedidos, que, por sua vez, partem de certas tendências malignas, não virtuosamente integradas, que frequentemente se podem verificar na pessoa humana (ou grupo de pessoas), e que, nesta linha, tendem a propagar-se de geração em geração.

No que diz respeito também à sociedade e à política, considera-se igualmente importante na monografia a análise e o estudo que Peterson faz aos regimes totalitários, procurando, simultaneamente, propor soluções para tais regimes—que inclusive perduram atualmente e não só condicionam a harmonia e a ordem mundial entre as nações, mas também impactam negativamente a vida das pessoas humanas, de diferentes modos, e assim, sucessivamente.

Filosoficamente falando, também podemos afirmar que Deus, o Sumo-Bem (*summum bonum*), criou a pessoa humana à sua Imagem (*Imago Dei*). Assim, nesta linha, a pessoa humana deve-Onão só reverenciar, glorificar e sobretudo amar, mas também, simultaneamente, vivervirtuosamente. Podemos também dizer que existe uma relação, digamos simbiótica, em sentido analógico, entre o florescimento da pessoa e a harmonia da sociedade (bem como das várias sociedades entre si), e vice-versa. Ou seja, a vida virtuosa da pessoa humana acaba por condicionar positivamente o bom desenvolvimento da sociedade (e esta, face às outras), e vice-versa, podendo-se, neste sentido, criar um mundo melhor, em vários sentidos, e assim sucessivamente. Contudo, o contrário também pode acontecer; ou seja, o mal praticado pela pessoa humana acaba não só por condicionar negativamente o desenvolvimento da sociedade, em vários sentidos, mas também a harmonia entre as nações. Portanto, nesta linha, com o intuito de ser-se virtuoso e, assim, criar-se uma sociedade melhor, a fim de reverenciar-se, glorificar-se e amar-se a Deus, é necessário conhecer a verdadeira essência dos valores, vivê-la em primeira pessoa, e simultaneamente introduzi-los na sociedade, algo que, por sua vez acaba por impactar a harmonia entre os povos e as nações. Neste sentido, tendo como base sobretudo estes princípios, gostaria de terminar esta recensão, não só, uma vez mais, apelando ao estudo e à análise da obra supracitada, mas também, se me é permitido, motivando vivamente Jordan Peterson a continuar com o seu bom trabalho de investigação e a divulgá-lo ao mundo académico.